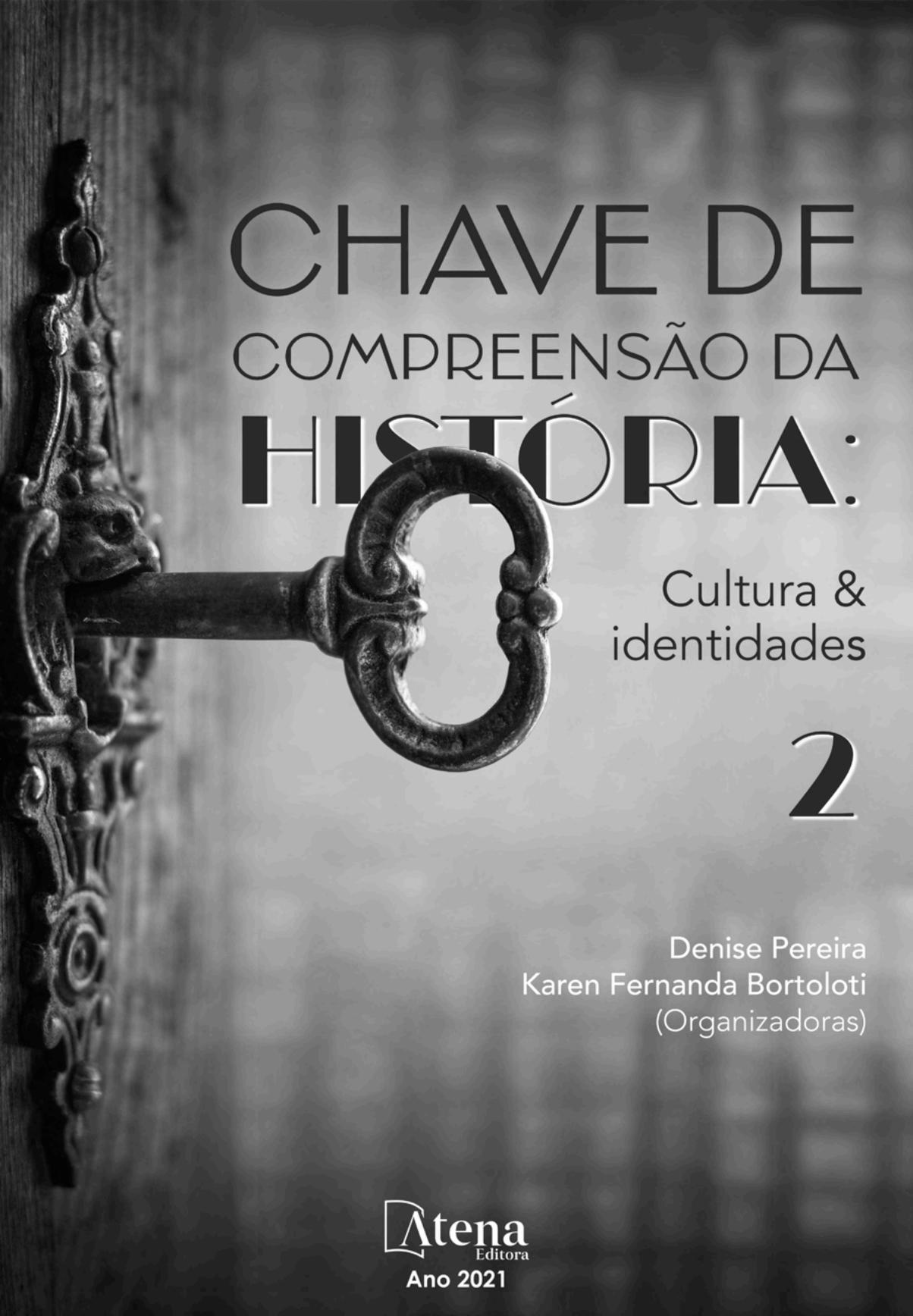


CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

2

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)



CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

2

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

**Atena**
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Chave de compreensão da história: cultura & identidades 2

Diagramação: Gabriel Motomu Teshima
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C512 Chave de compreensão da história: cultura & identidades 2 / Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-748-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.489211412>

1. História. 2. Cultura. 3. Identidades. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Ainda que sem nos darmos conta, estamos, cotidianamente, refletindo acerca da sociedade em que vivemos. Cada vez que nos questionamos: “como isso foi possível?” ao nos surpreendermos com uma notícia estampada na rede, estamos pensando sobre os rumos que a sociedade está tomando, portanto, nos questionando e refletindo sobre a sociedade que vivemos. A cultura, como um produto social, tem, certamente, um grande impacto em nossa compreensão como sujeito, portanto, entrelaçar historicamente essas duas discussões, qualifica essas reflexões de forma incontestável.

Ao pensar historicamente uma questão central é como a cultura é essencial aos indivíduos para refletirem sobre suas ações no tempo e a construção de identidades tão diversas. Neste sentido, pensar em história requer pensar em cultura, justamente porque ao estudar a multiplicidade deste conceito desvendaremos as questões inseridas em nosso dia a dia com o objetivo de possibilitar melhor compreensão de todos os fenômenos que estão imersos no cotidiano e impactam em nosso posicionamento no mundo.

Neste momento, em que presenciamos discussões cada vez mais acirradas sobre as identidades, é importante retomarmos os ensinamentos que nos foram legados pelo antropólogo Clifford Geertz de que a cultura é um “sistema simbólico”, uma teia de significados que carrega mecanismos de controle para governar o comportamento. É construída a partir de valores e crenças, de códigos morais e hábitos que são socialmente erigidos, transmitidos, aprendidos por meio de signos e símbolos. Ela contribui para regular e padronizar atitudes e emoções, contribui, historicamente, para a elaboração de identidades.

Este e-book é sem dúvida, um convite a reconhecer no “outro”, naquele que a princípio enxergamos através de pré-conceitos e pré-julgamentos, alguém com quem podemos potencialmente aprender, com quem podemos nos modificar e que também podemos transformar.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

CIDADES SITIADAS: REPRESENTAÇÕES DO MEDO DA MORTE E DAS ENFERMIDADES NA PANDEMIA DO COVID-19 E NAS CHARGES DO FINAL DO SÉCULO XIX NO BRASIL

Élcia de Torres Bandeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114121>

CAPÍTULO 2..... 15

CURIMBA ONLINE: ESTRATÉGIAS MUDIÁTICAS DURANTE A PANDEMIA E ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE SÃO GONÇALO, 2020

Camilla Fogaça Aguiar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114122>

CAPÍTULO 3..... 28

PENSANDO A HISTÓRIA E O TEMPO PRESENTE: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DAS REVENDEDORAS DE COSMÉTICOS E A SUA NARRATIVA NO MUNDO DO DIREITO

Bárbara Galli de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114123>

CAPÍTULO 4..... 37

HISTÓRIA E MEMÓRIA: DIÁLOGOS PELA AUTONOMIA TERRITORIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA LAGOA DE MELQUÍADES E AMÂNCIO

Jonatan Dos Santos Silva

Viviane Sales Oliveira

Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114124>

CAPÍTULO 5..... 49

POLÍTICAS INDÍGENAS E O SER INDÍGENA NA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE

Ivan Pereira Rodrigues dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114125>

CAPÍTULO 6..... 62

O “HOMEM PLURAL” E O PLURALISMO RELIGIOSO

Maylle Alves Benício

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114126>

CAPÍTULO 7..... 74

JOSEPH RATZINGER E LEONARDO BOFF: ALGUNS PONTOS DE APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO

Danillo Rangell Pinheiro Pereira.

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114127>

CAPÍTULO 8	89
“ESPÍRITO BRANCO EM BUSCA DE ALMAS NEGRAS” COLONIALISMO E MISSÕES CATÓLICAS: CONHECER PARA CATEQUISAR E DOMINAR. SUL DE MOÇAMBIQUE (FINAL DO SÉCULO XIX)	
Denilson Lessa Dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114128	
CAPÍTULO 9	104
O TESTAMENTO DE DOM EMANUEL GOMES DE OLIVEIRA, UMA ANÁLISE HISTÓRICA	
Maximiliano Gonçalves da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114129	
CAPÍTULO 10	116
HISTORIOGRAFIA E CATOLICISMO: DONOSO CORTÉS E OS RUMOS DA MODERNIDADE HISTÓRICA	
Roney Marcos Pavani	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141210	
CAPÍTULO 11	128
DOM AUGUSTO ÁLVARO DA SILVA: FÉ E POLÍTICA	
Solange Dias de Santana Alves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141211	
CAPÍTULO 12	143
SCIENTIFIC DISCOURSE MODELING: A SEMIOTIC VIEW	
Marcus Vinicius Dos Santos Claro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141212	
CAPÍTULO 13	152
ARQUEOASTRONOMIA: A CONSTRUÇÃO DE URUK E A INFLUÊNCIA DOS CÉUS	
Leonardo Birnfeld Kurtz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141213	
CAPÍTULO 14	166
O GUERRILHEIRO HEROICO: FOTOGRAFIA E GÊNERO	
Andréa Mazurok Schactae	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141214	
CAPÍTULO 15	179
ATHÉNAÏS MICHELET: UMA TRAJETÓRIA APAGADA	
Aline Dal'Maso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141215	
CAPÍTULO 16	192
AS VISÕES DA DIPLOMACIA ESTADUNIDENSE SOBRE AS FORÇAS ARMADAS	

BRASILEIRAS NO GOVERNO JK (1956-61): APONTAMENTOS INICIAIS DE PESQUISA

Vinícius Marcondes Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141216>

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....204

ÍNDICE REMISSIVO.....205

O GUERRILHEIRO HEROICO: FOTOGRAFIA E GÊNERO

Data de aceite: 01/12/2021

Andréa Mazurok Schactae,

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Paraná – IFPR,
Telêmaco Borba, Paraná
<http://orcid.org/0000-0002-2597-4472>
<http://lattes.cnpq.br/3270514343737403>

O presente texto está baseado no artigo publicado nos Anais da 31ª Simpósio Nacional de História da ANPUH, disponível em: <https://www.snh2021.anpuh.org/site/anais>, e apresenta alguns resultados do projeto de pesquisa: Masculinidades, Feminilidades e Espaços Sociais, desenvolvido no Grupo de Estudos de Cultura, Identidades e Gênero/CNPQ/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR), Campus Telêmaco Borba.

RESUMO: A historiografia sobre Revolução Cubana tende a reafirmar o espaço público como pertencente aos homens, especialmente aos heróis que representam um ideal de masculinidade viril. Entre os heróis da Revolução Cubana (1956-1959), que inspiraram a internacionalização de um ideal masculino revolucionário, na América Latina, está Ernesto Che Guevara. O nascimento do mito Che Guevara é parte da construção das narrativas sobre a Revolução Cubana. Após a sua morte, em 1967, ele foi constituído na encarnação do homem novo, revolucionário, viril, heterossexual, para além das fronteiras cubanas. Para este texto serão analisadas as imagens que reproduzem a fotografia produzida por Korda,

entendida como fundadora da imagem do mito Che e sua face de Guerrilheiro Heroico, conforme construção do Estado Cubano.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade; Revolução Cubana; Fotografia; Gênero

THE HEROIC WARRIOR: PHOTOGRAPHY AND GENRE

ABSTRACT: The historiography on the Cuban Revolution tends to reaffirm public space as belonging to men, especially to heroes who represent an ideal of virile masculinity. Among the heroes of the Cuban Revolution (1956-1959), who inspired the internationalization of a revolutionary male ideal in Latin America, is Ernesto Che Guevara. The birth of the Che Guevara myth is part of the construction of narratives about the Cuban Revolution. After his death in 1967, he was made the incarnation of the new man, revolutionary, virile, heterosexual, beyond Cuban borders. For this text, the images that reproduce the photograph produced by Korda, understood as the founder of the image of the myth Che and his face of Heroic Guerrilla, according to the construction of the Cuban State, will be analyzed.

KEYWORDS: Masculinity; Cuban Revolution; Photography; Genre.

1 | INTRODUÇÃO

A Revolução Cubana, possibilita uma reflexão sobre o que Eric Hobsbawn (1997) define como a invenção das tradições. Um rápido olhar para a historiografia, permite perceber indícios

do processo de invenção da baliza temporal que a define. Para Aviva Chomsky (2015) a Revolução Cubana começou em 1959 e segue até os dias atuais, seguindo de certa forma o discurso do Estado Cubano, que defende a continuidade da Revolução. Todavia, para outros historiadores a Revolução iniciou em 1953, com a ação no Quartel Moncada, em 26 de julho, porém suas origens estão no século XIX, nas guerras pela Independência de Cuba (AYERBE, 2004; LOPEZ; LOYOLA; SILVA, 2005; LOPEZ SEGRERA, 2012). Esse recorte temporal também é apresentado pelas narrativas oficiais da Revolução.

Ao se observar outras interpretações presente na historiografia (AYERBE, 2004; LOPEZ; LOYOLA; SILVA, 2005; LOPEZ SEGRERA, 2012) sobre o papel da guerrilha no processo, percebe-se uma tendência a reproduzir o discurso oficial, que coloca a guerrilha como o centro do processo, na década de 1950. Porém, as autoras Avivia Chomsky (2015) e Lorraine Volo (2018) indicam que o movimento urbano foi central para o processo oposição à ditadura de Fulgencio Batista (1952-1959). Lorraine Volo (2018) também indica a importância da atuação das mulheres nos movimentos urbanos, bem como, observa um silenciamento sobre esse fato na historiografia, a qual tende a destacar as mulheres que estiveram na *Sierra Maestra*. Em estudos realizados sobre as mulheres guerrilheiras cubanas, também observei uma tendência do Estado em narrar a participação das mulheres na guerrilha, legitimando um ideal de feminilidade viril (SCHACTAE, 2016).

Considerando essas diferentes leituras desse processo histórico, as quais indicam a possibilidade de problematizar a construção de uma memória sobre a Revolução Cubana ou as Revoluções Cubanas, voltaremos o olhar para o ato fundador do mito do herói guerrilheiro, pelo Estado Cubano, em 1967. Entendo que esse processo é parte da invenção de uma das faces da Revolução Cubana, na qual se afirma o poder simbólico (BOURDIEU, 1998) do guerrilheiro e da guerrilha, e também é parte de reinvenção de uma representação da nação cubana, uma construção que ressignifica um ideal de virilidade e constrói um ideal de masculinidade.

A virilidade para George Vigarello, Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine (2013) é um ideal, cujas qualidades que compõe o que é viril são reconstruídas ao longo do tempo. O ideal viril de uma sociedade militar é diferente de uma sociedade mercantil, porém são marcados por ideias de coragem, força e domínio sexual. Portanto, a virilidade é “o conjunto de papéis sociais e dos sistemas de representações que definem o masculino e também o feminino e não pode se reproduzir, enquanto tais, senão se a hegemonia virial aparecer como pertencente à ordem natural e inelutável das coisas” (COURTINE, 2013, p. 8).

Sendo assim, a construção do guerrilheiro, que é parte da invenção da Revolução Cubana ou de uma das Revoluções Cubanas, é também um processo de invenção de um ideal de virilidade, que tende a definir um ideal de masculinidade para além das fronteiras nacionais de Cuba. Um ideal que possui um núcleo identificador que é herdeiro de uma cultura Ocidental – força, coragem, bravura, abnegação, poder das armas, combate –, de longa duração, a qual tende a naturalizar a relação entre o poder do Estado e a virilidade.

Ao construir o guerrilheiro como um mito, vinculado a liberdade dos povos oprimidos, o Estado Cubano, constitui um ideal de masculinidade. O qual se estabelece como constituinte da identidade nacional cubana e de certa forma da esquerda latino-americana, na segunda metade do século XX.

Portanto, essa é uma reflexão sobre a invenção do guerrilheiro, do mito Che e da masculinidade revolucionária em Cuba, em 1967, a partir de uma narrativa biográfica (DOSSE, 2009; BOURDIEU, 1996), construída por textos e fotografias, a qual permite um diálogo com a história política (GIRARDT, 1987; HOBSBAWN, 1997; REMOND, 2003) e gênero (SCOTT, 1994; 1995).

Voltando o olhar para a invenção dos Estados, percebe-se que o aparato simbólico construído pelos Estados e por suas instituições de poder tende a reafirmar o masculino viril como poder dominante na esfera pública. Os heróis e as instituições militares ganham destaque e são marcados por características identificadoras de uma masculinidade hegemônica. Para Raewyn Connell (1997; 2005), a masculinidade hegemônica caracteriza-se pelas masculinidades militares, construídas ao longo do século XIX e do século XX, as quais orientam a edificação de ideais de hombridade nas sociedades ocidentais. Para pensar a construção dos heróis pela Revolução Cubana, o foco são as fotografias de Ernesto Che Guevara, divulgadas pelo Estado Cubano, na Revista Bohemia, publicada em 20 de outubro de 1967.

A Revista Bohemia – um periódico semanal que circulou pela primeira vez em 1908, em Cuba, e a partir de 1959 passou a compor os órgãos de comunicação do denominado Estado Revolucionário Cubano –, publicou uma edição especial em 20 de outubro de 1967, dedicada ao Che e essa edição é percebida como a origem do mito. Essa publicação é uma homenagem do Estado Cubano ao herói e pode ser identificada como a primeira biografia de Ernesto Che Guevara, sendo composta por vários textos, escritos por diferentes autores, entre os quais Fidel Castro, bem como, por um conjunto de fotografias.

A leitura e a análise das imagens fotográficas (BURKE, 2004; 2009; KOSSOY, 2001), publicadas entre textos, que constituem uma memória sobre o herói, permitem perceber o conjunto fotográfico como a construção de uma narrativa biográfica, que dialoga com os textos escritos, mas também pode ser lida como um texto constituído por imagens. Portanto, a inovação nesse artigo é a construção de uma reflexão sobre a invenção do mito, dialogando com a história política e os estudos de gênero, a partir da análise de um conjunto fotográfico, o qual é identificado como uma biografia fundadora. O resultado da narrativa, construída pelas fotografias, é o mito Che Guevara e a sua legitimação como herói nacional, em Cuba, e também em um herói transnacional.

Vale informar, que a edição, de outubro de 1967, possui 114 páginas, mais um suplemento com 17 páginas, totalizando assim 131 páginas, nas quais foram publicadas 70 fotografias de Ernesto Che Guevara e 41 fotografias sem a presença de Ernesto Che Guevara – entre essas estão 19 fotografias que se referem a dois fatos: o momento

que Fidel informa ao povo cubano sobre morte de Che Guevara e a cerimônia fúnebre organizada pelo Estado Cubano na *Plaza de la Revolución*. Sobre a forma do periódico se destaca que com exceção da capa, que é colorida, todas as demais páginas são em tons de preto e branco. Os textos são com letras pequenas, equivalentes a fonte *times new roman*, tamanho 09 ou 10. O que chama atenção do leitor são os títulos das matérias, com letras grandes, e as imagens (fotografias), que a parecem em diferentes tamanhos ao longo do periódico. Para esse texto, foram selecionadas cinco (05) fotografias.

2 | O MITO CHE NA BOHEMIA DE 1967: PRIMEIRO OLHAR

Voltar o olhar para as fotografias, publicadas na Revista Bohemia, é problematizar um contexto que envolve a morte de Ernesto Che Guevara e um processo de afirmação do Estado Revolucionário, em Cuba, com a criação de diversas instituições entre os anos de 1960 e 1975. Ao mesmo tempo que se constituíram as bases administrativas pelo poder estabelecido foi inventado um calendário de comemorações. Nesse contexto o Estado constitui uma narrativa sobre uma História da Revolução, sendo definidos os heróis e as heroínas, bem como os acontecimentos e as memórias que passaram a dar sentido para essa narrativa. Também se define uma projeção internacional da Revolução e Ernesto Che Guevara, foi constituído em um herói internacionalista.

A projeção internacional de Ernesto Che Guevara começa com a vitória do movimento que se identifica como revolucionário, no ano de 1959. E se intensifica com o processo de reorganização do Estado, com a implantação de diversas políticas, entre as quais nacionalização de empresas estrangeiras, reforma agrária, alfabetização, tribunais revolucionários (nesses tribunais foram julgados aqueles identificados como opositores ao regime que se estabelecia, como resultado muitos foram condenados ao fuzilamento) (PRADO, 2016; VASCONCELOS, 2015; CHOMSKY, 2015; LOPEZ; LOYOLA; SILVA, 2005; AYERBE, 2004).

Para Angelo Attanasio e Kako Abraham (2017) foram dez viagens que transformaram o Ernesto Guevara em Che Guevara. Portanto, as viagens, as publicações, sua atuação no Estado Cubano e a sua morte, em combate na Bolívia, o tornam uma personalidade Latino-americana. E a construção dessa internacionalização também é legitimada pela produção acadêmica da Cátedra Ernesto Che Guevara, da Universidade de Havana, criada em 1995, e por outros espaços de produção do conhecimento, conforme indica Manuel Verdecia Tamayo (2018). Porém, ainda falta um estudo sobre o mito Che Guevara, em uma perspectiva de gênero. Um estudo especialmente importante, devido a projeção internacional da sua imagem.

Essa característica internacionalista, construída em torno do mito Che Guevara, foi projetada na última página da Bohemia, de 1967, reafirmando a narrativa do artigo com o título: “*Che, Niñez, adolescencia, juventude*” (BOHEMIA, 1967, p. 70-77), que compõe a

edição. Porém, esse artigo, escrito por Fulvio Fuentes e Aldo Isidron, possui imagens que aparecem em outra matéria publicada na mesma revista, no ano de 1961 (CONSTENLA, 1961), a qual o apresenta como um herói da Revolução e destaca suas viagens pela América Latina. Sendo assim, já em 1961, ele é apresentado como um homem predestinado a conhecer a América Latina e se tornar um libertador. Essa ideia aparece novamente em 1967, conforme afirma o texto: *“el Che, castigado por el asma y el mareo, parte a enfrentar su luminoso destino de libertador”* (BOHEMIA, 1967, p. 77). Portanto, a última página da revista, projeta o herói como protetor da América Latina. O trecho do discurso, pronunciado por Che Guevara na ONU, colocado junto com a sua fotografia, também contribui para legitimar a característica do herói abnegado, disposto a doar a vida em defesa das nações. Uma narrativa que projeta o mito político para além das fronteiras de Cuba, constituindo o mito do herói salvador e um modelo a ser seguido.

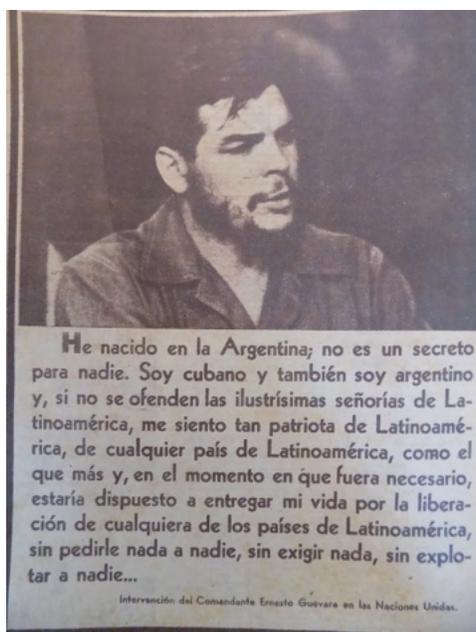


Figura 1- Che Guevara na ONU

Fonte: BOHEMIA, 20 out. 1967, p.114

O mito político é constituído dentro de um contexto social e ao mesmo tempo que o constitui, portanto, orienta a constituição de uma identidade coletiva (GIRARDT, 1987, p. 185-186). A invenção do mito Che Guevara é também um processo de reconstrução da identidade nacional e da construção do socialismo em Cuba. O mito se constitui na encarnação do homem novo, internacionalista, heterossexual e viril. Para Abel Sierra Madero (2006, p. 200) o *hombre nuevo*, de Ernesto Guevara, estabelece, em 1965, uma

nova cidadania, marcada por um ideal de masculinidade. Todavia, em 1967 inicia-se um processo de projeção de ideal de masculinidade e de socialismo para além das fronteiras de Cuba, e a última imagem da Revista Bohemia, de 20 outubro de 1967, indica essa estratégia, ao publicar um fragmento da fala de Ernesto na ONU, junto com o seu retrato (Figura 1).

A imagem e a fala de Ernesto Che Guevara, a última página da Bohemia, legitimam construção do herói e do mito, bem como projetam a Revolução Cubana, para além das fronteiras de Cuba. A fotografia de retrato, é uma estratégia que unificam a imagem e texto. Com o retratado olhado para frente e com os lábios entre abertos, o herói é apresentado como se estivesse novamente falando para o povo. É a encarnação do herói guia, aquele que consegue observar o futuro e portando deve ser ouvido. Além do mais, conforme destaca R. Hertz (1980), em seu texto publicado em 1911, ao longo dos séculos, a cabeça é percebida como a parte superior do corpo, portanto é o lugar de poder, símbolo de honra e nobreza. Essa herança cultural de longa duração está presente na escolha de fotografias de retratos, como imagens que constituem o herói guia e salvador. Um herói cujos os pensamentos e os conhecimentos foram compartilhados em suas falas e escritos. Dessa forma, o destaque para os retratos, legitima o poder simbólico do guia, a cabeça, que fala e olha para o passado e para o futuro.

Vale lembrar, que as experiências vividas por Ernesto Guevara, antes de tornar-se Ernesto Che, fortalecem o caráter internacionalista da Revolução Cubana. Portanto, observaremos que a Revista Bohemia, de outubro de 1967, selecionou algumas experiências vividas por Ernesto e por Che Guevara, para marcarem o processo de morte do homem real e nascimento do mito. E essa seleção legitima a transformação do homem em um símbolo da esquerda, bem como em um ideal de masculinidade viril em Cuba e na América Latina.

A trajetória e a morte do Ernesto Che Guevara, permitem a construção desse núcleo, definidor do mito. A sua participação na luta armada em Cuba, a sua atuação como agente do Estado Cubano, a sua morte no espaço da luta armada, na Bolívia, as cerimônias em sua homenagem, realizadas pelo Estado Cubano, a projeção da sua imagem de guerrilheiro nacional e internacional, estão presentes nas fotografias. A narrativa que se projeta é de um homem que luta pela liberdade do povo oprimido e morre lutando pelo povo, na América Latina. Portanto, as experiências do homem Ernesto constituem os elementos necessários para a invenção do herói e de um modelo masculinidade viril. Em seu discurso, em 1967, Fidel Castro afirmou:

Si queremos expresar cómo queremos que sean los hombres de futuras generaciones, debemos decir: ¡que sean como el Che! Si queremos decir cómo deseamos que se eduquen nuestros niños, debemos decir sin vacilación: ¡queremos que se eduquen en el espíritu del Che! (...) Si queremos expresar cómo deseamos que sean nuestros hijos, debemos decir con todo el corazón de vehementes revolucionarios: ¡queremos que sean como el Che! Che se

ha convertido em un modelo de hombre no solo para nuestro pueblo, sino para cualquier pueblo de América Latina, Che llevó a su más alta expresión el estoicismo revolucionario, el espíritu de sacrificio revolucionario, la combatividad del revolucionario, (...). (BOHEMIA, 20 out. 1967, sup.04)

O discurso de Fidel Castro, consolidou o mito como modelo e exemplo, estabelecendo um ideal de masculinidade como referência para o socialismo cubano. Observando a revista de 1967, se percebe a relação entre os textos escritos e os textos fotográficos, para construção do herói – no entanto o espaço de um artigo não permite analisar essa relação de forma densa. Todavia, considerando leitor, em 1967, seu olhar provavelmente foi atraído pelas fotografias. E elas constroem uma narrativa que pode ser lida, independente das matérias, pois os títulos das matérias e as legendas, constroem o mito e tornam o herói um modelo. As fotografias são apresentadas como uma objetivação da trajetória do Che Guevara, portanto, são percebidas pelos leitores como representações de uma realidade, são provas de uma verdade. Conforme destaca B. Kossoy (2001), a fotografia tem a pretensão de provar a verdade sobre o passado.

Nesse processo de construção do mito, destaca-se a fotografia que foi produzida no dia 5 de março de 1960, por Alberto Díaz Gutiérrez, conhecido como Alberto Korda¹, fotógrafo da Revolução Cubana e vinculado ao periódico do Movimento 26 de Julho, *Revolución*. Segundo relatos de Korda (ELIZUNDIA, 2005), publicados em um livro², a foto foi produzida na cerimônia fúnebre das vítimas do “*Barco La Coubre*”, na esquina de 12 com 23 no bairro de Vedado, em Habana. A presença de Ernesto Che Guevara, no palanque montado no local, era percebida em segundo plano e estava praticamente oculto, mas por alguns segundos ele veio para frente, segundo Korda, e foi tempo suficiente para duas fotos. No dia seguinte uma das fotos foi encaminhada para o periódico *Revolución*, porém ela não foi escolhida pelos editores, para compor a matéria sobre o evento do dia anterior (ELIZUNDIA, 2005).

A primeira vez que essa foto foi publicada em Cuba, provavelmente foi na Revista Bohemia, de 20 de outubro daquele ano. Vale destacar, que segundo o fotógrafo, o Che nunca viu a imagem que se tornou a representação do mito Che, no Ocidente e em outras partes do mundo. Uma imagem que circula em muitos objetos, mas também foi usada na década de 1990, em um perfume chamado Che Guevara, em uma marca de fósforo, em uma marca de vodka e por propagandas de uma igreja cristã europeia (ELIZUNDIA, 2005, p. 169).

A revista, as imagens na cerimônia da *Praza da Revolución*, os painéis com fotos e frases de Ernesto Che Guevara, colocadas em La Havana, marcam o estabelecimento dessa fotografia como a representação do herói Che e a face mais conhecida do mito. As outras fotos que compõem os painéis publicitários (Che no trabalho manual, Che na

1 Nas referências ao longo do texto será utilizado o nome Alberto Korda, para identificar Alberto Díaz Gutiérrez.

2 A entrevista com Korda foi realizada em 1999 e foi publicada em 2005, após a morte do fotógrafo, fato ocorrido em 25 de março de 2001 (ELIZUNDIA, 2005).

ONU, Che fumando um charuto) compõem a ideia do homem trabalhador, internacionalista e viril, pois o charuto, a vestimenta e a barba são símbolos da virilidade do guerrilheiro. Veremos que essa construção narrativa se repete em outras fotografias presentes na revista, construindo uma narrativa biográfica, a partir da disposição das fotografias, entre as quais um número significativo de retratos.

A foto de Alberto Korda, é um retrato do herói guia e salvador. Representa o herói que olha para o futuro, mas que conhece o passado da luta revolucionária, assim como é legitimadora da virilidade do guerrilheiro. O retrato do herói guia e salvador, é constituído pelo olhar, daquele que viveu as vitórias do passado e vê o futuro. A boina e a barba, que se constituem em símbolos da virilidade e do poder do guerrilheiro. E as fotografias da exposição do retrato na cerimônia (Figura 2), apresentam o herói com a bandeira de Cuba e presença de Fidel Castro, também usando farda e barba. Essa construção simbólica, legitima uma narrativa biográfica que colocam Cuba e Fidel Castro, como partes significativas da trajetória do Che.



Figura 2 – Che na Plaza de la Revolución

Fonte: BOHEMIA, 20, out. 1967, p. 55

Fonte: BOHEMIA, 20, out. 1967, p.53

Com o passar do tempo, essa fotografia se constituiu na representação do Che Guevara. Um guerrilheiro encarnado em uma fotografia, construída no acaso, constitui o núcleo dos símbolos da virilidade do cubano revolucionário (barba, vestes de guerreiro e morte em batalha).

A biografia, construída pelas fotografias, é uma narrativa que se propõem construir um sentido para a existência para o fotografado, apropriando-se de P. Bourdieu (1996), o qual destaca que uma narrativa biográfica estabelece uma sequência de acontecimentos coerentes. (BOURDIEU, 1996, p. 75) Portanto, “tudo leva a supor que a história de vida mais se aproxima do modelo oficial da apresentação oficial de si” (BOURDIEU, 1996, p.

80). Sendo assim, a construção de uma trajetória está relacionada às relações nas quais o agente se vincula a outros agentes. É necessário observar o que está em jogo na construção da narrativa. No caso em análise, o que está em jogo é a construção de um herói e de um mito, símbolo para uma Revolução Cubana, que busca legitimidade.

Ao se construir uma biografia oficial, o Estado Cubano utiliza as fotografias como instrumentos de legitimação da narrativa escrita, ao mesmo tempo que estabelece uma narrativa através das imagens. Portanto, são duas narrativas biográficas, publicadas em 1967, uma escrita e outra fotográfica, as quais se complementam, mas também permite ao leitor perceber uma narrativa somente observando as fotografias. E as fotografias são apresentadas como uma volta ao passado. Assim, o texto constituído pelo conjunto fotográfico tende a ser percebido como mais legítimo que o texto escrito. Um fragmento do passado está congelado na fotografia, talvez essa seja a percepção do leitor, em 1967.

O herói narrado pelas fotografias tente sempre que possível, ser apresentado com um olhar para frente, para o futuro, nunca para a lente do fotógrafo (Figura 2). Portanto, são legitimadoras e construtoras do herói, pois a fotografia serve como uma ligação entre passado, presente e futuro, ao se tornarem parte da transformação do homem em mito. O fotografado é constituído em um símbolo da Revolução e um ideal de masculinidade, que incorpora várias faces.

Ao longo da narrativa são apresentadas várias faces do herói: o guerrilheiro/libertador, o jovem Che, o político, o leitor, o trabalhador, o esposo, o pai, o amigo de Fidel, o escrito, o jogador de xadrez, porém em todas essas faces, com exceção das imagens que se referem ao período que era Ernesto Guevara, ao se tornar o Che, as suas imagens são usando a farda verde oliva, mesmo no espaço familiar.



Figura 3 – Retratos

Fonte: BOHEMIA, 20 out. 1967, suplemento p. 15; 17

Portanto, a construção da narrativa é a construção do mito guerrilheiro. O homem viril, que morreu lutando com armas e na guerra em defesa de uma ideia de liberdade, o

qual mesmo nas vivências das relações pessoais estava vestido para a guerra e, portanto, disposto a morrer pelos ideais revolucionários, é projetado nas fotografias, que constituem uma legitimidade para as qualidades identificadoras do herói como a bravura, a abnegação, a sensibilidade e a virilidade. Essa construção é narrada nas 64 fotografias de Ernesto Che Guevara, ao longo da revista, que mostram ele principalmente como guerrilheiro, mas um guerrilheiro que é: esposo, filho, pai, amigo, político, intelectual, etc. A morte é percebida como um ato de vitória, pois a honra no herói está em morrer na guerra. E a frase que identifica o mito – “*hasta la victoria siempre*” (BOHEMIA, 20 out. 1967) –, aparece na primeira página da revista, na qual foi publicada a sua carta de despedida de 1965, junto com a sua assinatura, e também com as imagens dele na guerra.

A projeção da vitória da Revolução Cubana, encarnada no mito Che, construído pela Revista Bohemia é marcada pela virilidade, pelas vestimentas militares, pelas armas, pela escrita, pelo trabalho intelectual e manual. O mito construído apresenta uma narrativa de um herói salvador, mas também serve para reafirma as práticas que são parte do projeto de Estado em construção em Cuba, nos anos de 1960. E ao construir uma narrativa biográfica sobre Ernesto Che Guevara, o Estado inventa o guerrilheiro heroico.

O herói que unifica as representações do combatente viril, do intelectual e do internacionalista, unindo necessidades políticas do Estado Cubano, dos anos de 1960, com uma herança cultural generificada, herdada de uma tradição de longa duração – coragem, bravura, força, conhecimento, armas e farda são identificadores de masculinidade e virilidade. Três características que constituem o Che – guerreiro, intelectual e internacionalista –, são uma herança dos heróis da Independência, do final do século XIX, as quais não estavam unificadas em uma só pessoa, e sim divididas nas figuras dos Maceos, os guerreiros, e de Martí, o intelectual e o internacionalista. O Estado Cubano, na segunda metade do século XX, articula essas heranças na construção do novo herói cubano e latino-americano, símbolo que levou a Revolução para além das fronteiras de Cuba, ressignificando a ideia martiniana da “*Nuestra America*”, presente em texto publicado em 1891 (MARTI, 1983). O poder simbólico do mito ressignifica os símbolos do passado e assim constitui um novo símbolo, o guerrilheiro heroico, o qual de certa forma expressa o contexto latino-americano dos anos de 1960.

Portanto, a herança internacionalista – vinda do projeto de América de José Martí, nas lutas pela Independência de Cuba e da influência dos Estados Unidos na América Latina do século XIX – e a virilidade formam o núcleo central da construção do mito Che Guevara. A frase, de José Martí, na segunda página da revista *Bohemia*, em outubro de 1967, “*Es la hora de los hornos y no se ha de ver mas que la luz*” (BOHEMIA, 1967, p. 4), pode ser compreendida como a revelação do herói guia para a liberdade, na segunda metade do século XX. Por coincidência, em 14 de junho de 1845, nasceu em Cuba José Antonio de la Caridad Maceo y Grajales, que se tornou herói da Independência, e no mesmo dia, porém em 1928, nasceu na Argentina outro humano, que em 1967 se tornou a encarnação de uma

das faces da Revolução Cubana. A partir de uma herança do passado – símbolos, mitos, fotografias –, o Estado Revolucionário transformou o homem Ernesto Guevara em texto e imagem, inventando o mito Che Guevara. O guerrilheiro com barba, vestindo uniforme verde, com fuzil e fumando um charuto cubano, é a encarnação da virilidade revolucionária e uma identificação do Estado Cubano Revolucionário.

REFERÊNCIAS

ATTANASIO, Angelo; ABRAHAM, Kako. **Los dies viajes que lo convirtieron Ernesto Guevara en el Che**. BBC, 09 de outubro de 2017. Disponível em: https://www.bbc.com/mundo/resources/idt-sh/che_guevara_viajes_mundo. Acesso em: 10 jun. 2020.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo, UNESP, 2004.

BELL, José; LÓPEZ, Delia Luisa; CARAM, Tania (org.). **Documentos de la Revolución Cubana – 1960**. La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 2007.

BOHEMIA. **Bohemia**, 12 ene., año 60, n. 2, 1968. Arquivo da Digital Library of the Caribbean. Disponível em: <https://www.dloc.com/dloc1>. Acesso em: maio 2020.

BOHEMIA. **Bohemia**, 20 de out., año 59, n. 42, 1967.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papius, 1996.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CASTRO, F. Discurso, 18 de outubro de 1967. **Bohemia**, 20 de outubro, año 59, n. 42, 1967.

CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**. São Paulo: Veneta, 2015.

CONNELL, R. W. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (eds). **Masculidad/es: Poder y Crisis**. Santiago, Chile: Ediciones de las mujeres, n.º 24, 1997, p. 31-48. Disponível em: http://www.pasa.cl/biblioteca/La_Organizacion_Social_de_la_Masculinidad_Connel_Robert.pdf. Acesso em: 15 jan. 2009.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação e realidade**, vol. 20 n.º 2, p. 185-206, 2005.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**, vol.19, 2005. Disponível em: <http://gas.sagepub.com>. Acesso em: 27 maio de 2009.

CONSTENLA, Julia. Cuando Ernesto Guevara aun no era el Che. **Bohemia**, 27 ago. año 53, n. 35, 1961. Arquivo da Digital Library of the Caribbean. Disponível em: <https://www.dloc.com/dloc1>. Acesso em: maio 2020.

COURTINE, Jean-Jacques. Impossível virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade – A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 07- 12, 2013.

DOMINGUES, Juan de M. **Che Guevara: a mídia como potencializadora do mito**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, PUC Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ELIZUMDIA, Alicia. La foto que ha recorrido el mundo. In: _____. **Bajo la piel del Che**. La Habana: Pablo de la Torriente Editorial, p. 164-170, 2005.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias políticas**. Companhia das Letras, SP. 1987.

HERTZ, R. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. **Revista Religião e Sociedade**, v. 6, p. 99-128, 1980.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1997.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LOPEZ SEGRERA, Francisco. **A Revolução Cubana: propostas, cenários e alternativas**. Maringá: EDUEM, 2012.

LOPEZ, Francisca; LOYOLA, Oscar; SILVA, Arnaldo. **Cuba y su história**. La Habana; Editorial Felix Varela, 2005.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história – interfaces. **Tempo**, vol. 1, n. 2, p.73-98, 1996.

MOREIRA, R.; SCHACTAE, A.; SOTO, I. Sónõra. Entre guerrilleras, soldados y policias: lo femenino en instituciones armadas de Cuba y de Brasil. In: MARTINS; A.; GUEVARA, M. **Políticas de Gênero na América Latina: aproximações, diálogos e desafios**, Jundiá: Paco Editorial, p. 141-170, 2015.

MARTÍ, José. **Nossa América**. Tradução: Maria Angélica de Almeida Triber. São Paulo: HUCITEC, 1983.

PRADO, Giliard da Silva. O tribunal revolucionário como tribuna política em Cuba: uma análise dos casos “Marquitos” e “Ordoqui”. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, nº. 21, p. 04-33, Jul./Dez., 2016. Disponível em: <http://revista.anphlac.org.br>

REMOND, Rene. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SCHACTAE, A. A construção do herói Che e as masculinidades em Cuba: construindo um objeto de pesquisa. In: GUILHERME, W. (org.) **Desafios e soluções da sociologia**, Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Disponível em: www.atenaeditora.com.br

SCHACTAE, Andréa M. "Mulheres guerreiras": mulheres na guerrilha cubana e a construção da heroína Célia Sanchez. In: MOREIRA, Rosemeri; SCHACTAE, Andréa M. (org.). **Gênero e instituições armadas**. Guarapuava/PR: UNICENTRO, 2016, p. 189-215.

SCHACTAE, Andréa M. O Guerrilheiro Heroico: o mito Che e a Revolução Cubana. **Anais do 31º Simpósio Nacional de História**: história, verdade e tecnologia; organização Márcia Maria Menendes Motta, 1. ed., São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.snh2021.anpuh.org/site/anais>

SCOTT, Joan W. Prefácio a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 11-27, 1994.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise história. **Educação e Realidade**, n. 20, vol. 2, p. 71-99, 1995.

SIERRA MADERO, Abel. **Del otro lado del espejo**. La sexualidad en la construcción de la nación cubana. La Habana: Editorial Casa de las Américas, 2006.

VOLO, Lorraine B. **Women and the cuban insurrection**: how gender shaped Castro's victory. New York: Cambridge University Press, 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arqueoastronomia 4, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 162

B

Bernard Lahire 62, 63, 64, 67, 68, 70, 71

C

Catolicismo 4, 17, 116, 124, 125, 130, 131

Charges 3, 1, 9, 13

Conflitos 27, 37, 38, 39, 41, 43, 45, 52, 76, 87, 97

Conservadorismo 116, 120, 126, 127

Covid-19 3, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 12, 13, 20

D

Dom Augusto Álvaro da Silva 4, 128, 129, 130, 132, 134, 139, 140, 141

Dom Emanuel Gomes de Oliveira 4, 104, 105, 106, 111, 112, 114, 115

E

Espanha 116, 118, 123, 124, 157, 158

Eucalipto 37, 43, 44

F

Fenômeno Religioso 62, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 71

G

Goiás 16, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 115

H

História Antiga 152

História oral 37, 39, 47

Historiografia 4, 50, 51, 116, 162, 166, 167, 179, 180, 184, 196, 197, 198, 200

I

Igreja Católica na Bahia 128, 141

interseccionalidade 28

Interseccionalidade 28

J

Jurisprudência trabalhista 28

M

Memória 3, 5, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 110, 112, 113, 167, 168, 190

Mesopotâmia 152, 159

Mídia 15, 20, 25, 26, 134, 177

Modernidade 4, 26, 65, 66, 80, 116, 117, 119, 121, 123, 125, 127

P

Pandemia 3, 1, 3, 4, 5, 7, 11, 13, 14, 15, 19, 21, 23, 43, 47

Pluralismo 3, 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 74, 75

Política 4, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 52, 56, 57, 61, 83, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 103, 104, 109, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 168, 177, 178, 183, 188, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Q

Quilombo 37, 38, 40, 41, 42, 43, 45, 46

R

Religião 15, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 27, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 85, 86, 93, 120, 121, 122, 130, 131, 141, 152, 159, 177

Representações 3, 1, 2, 6, 7, 13, 14, 38, 87, 89, 114, 167, 172, 175, 184, 200, 201

Restauração Católica 105, 128, 129, 139, 140, 141

Revendedoras de cosméticos 3, 28, 29, 30, 32, 34, 36

Revolução de 1930 128, 129, 130, 133, 134, 138, 140, 141

S

Scientific Discourse 4, 143, 144, 145, 146, 149, 150

Scientific law 143, 144, 145, 146, 147, 149

Semiotics 143, 144

T

Testamento 4, 42, 43, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114



CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021



CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021